

nova

trama

Primeiro foram as cestas. Depois, há 6 mil anos, surgiram os têxteis. Colher e preparar a fibra, entrelaçá-la, produzir com ela os artefatos que protegem e confortam sempre foram tarefas a cargo de mulheres. Tecer tem a marca das mãos femininas. Mãos que hoje são capazes de tudo, inclusive reinventar com tecidos outros usos e realidades que resgatam, talvez, parte do sossego e da harmonia de tempos passados, mas, especialmente, carregam um discurso bem contemporâneo e sutil ligado ao empoderamento feminino e à sustentabilidade – como as dessas três designers nórdicas, que se empenham em reler e ressignificar essas tramas, contando com elas outras histórias.

Hanne Friis, da Noruega, toma a linha e a agulha para moldar tecidos de seda – excedentes das confecções da marca local Holzweiler – que, tingidas por ela com pigmentos vegetais, serão dobradas em formas surpreendentes, elevando-as ao nível de escultura. “É um processo demorado e consome muita energia mesmo antes de começar a costura. Minha técnica se tornou quase uma extensão do meu corpo.” Acostumada a trabalhar sozinha em seu estúdio, ela mergulha em um estado contemplativo, que marca o seu processo de criação. Sem nenhum drama. “Essa é minha vida”, resume. Ela percebeu, no entanto, que o longo período da pandemia intensificou a sensação de isolamento que afetou seu trabalho e teve de ser combatida. “Minha paleta de cores estava se tornando muito escura, e eu comecei a incorporar materiais sintéticos. A recente série de esculturas de seda foi uma reação a isso. Quero fazer algo que busque a beleza, seja colorido e comemore a vida!”

Se tecidos surgiram para trazer conforto, tátil ou emocional, as obras de Hanne vão um pouco no caminho inverso. Diz ela que são propositalmente abstratas e ambíguas, remetendo à formas da natureza, semelhantes a padrões de dentro de nossos corpos, para lembrar que somos todos parte de um ciclo. Na sua opinião, o fascínio que suas esculturas causam é o resultado da sensação de reconhecimento, pois nos identificamos nelas, ao mesmo tempo

Obra da finlandesa Niina Kratz, inspirada nos antigos shibari japoneses.



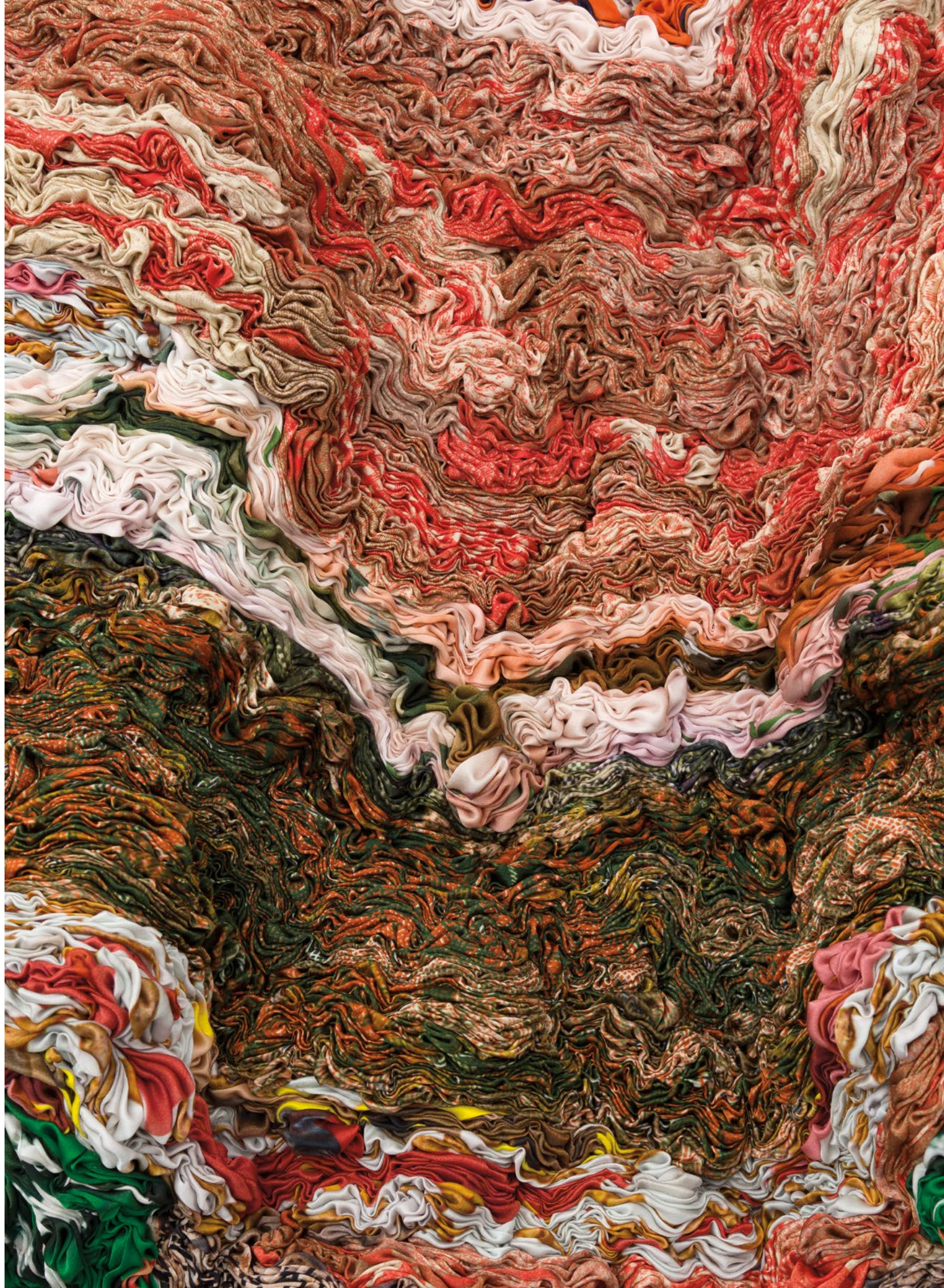
que ficamos curiosos, algo que apela para uma linguagem sensual e sem palavras. Isso geraria uma tensão desconfortável, ainda que tentadora. “Não há beleza sem tensão”, ensina.

Beleza e tensão são conceitos que também permeiam o trabalho de Niina Kratz, da Finlândia. Ela, que desde cedo cerzia e tingia as próprias roupas e fez experimentações no universo do grafite, acha muito natural trabalhar com têxteis e elevá-los à condição de mural. “Gosto de transformar um material humilde, como o tecido, em obra de arte.” Perguntada sobre suas técnicas, ela reage de forma divertida, mas um tanto territorial. “Andei experimentando por muito tempo, cultivando meu próprio estilo e técnica, e acho bom que isso permaneça um mistério. Cada um pode descobrir seu próprio método se for curioso e trabalhar duro.” Suas recentes peças “atadas”, como as chama, são inspiradas nos antigos nós shibari japoneses. Elas impactam o público, incapaz de ignorá-las e se vê impelido a olhá-las de perto. “É tão tenso” é um comentário que já virou rotina em seus ouvidos. O seu segredo está, adianta Niina, em desprezar a perfeição. “Quando você aceita suas imperfeições, consegue abraçar novos desafios.” Niina também sente que é o momento de retomar a vida com tons mais vivos de otimismo. “Estou tentando adicionar mais cor aos meus trabalhos. Nós, finlandeses, em geral não somos pessoas muito coloridas!”

Nem os suecos, a julgar pela paleta discreta das obras de Diana Orving – levíssimas peças de fibras naturais, como algodão, seda e lã, que parecem flutuar prodigiosamente num ponto congelado do espaço. Filha de artista plástica, ela cresceu obcecada pelas qualidades táteis e sensuais dos tecidos e acredita que eles sejam os responsáveis por disparar memórias e sentimentos muito íntimos. É possível até visualizar a artista como uma charmosa feiticeira medieval, a mexer silenciosamente o caldeirão onde lava e tinge de diferentes maneiras seus tecidos, para que atinjam as texturas desejadas, antes de iluminá-los com tinta a óleo. “Para mim, a arte é uma ferramenta espiritual. Uma linguagem que se comunica em nível mais profundo e instintivo do que apenas com as palavras.”

Diana se confessa fascinada pelos grandes formatos que são viabilizados pela leveza dos têxteis, tanto que, na primeira semana de junho, uma de suas grandes esculturas será o centro cenográfico de um espetáculo de dança moderna no Teatro Weld, em Estocolmo. Trabalhar com grandes volumes, para ela, diz respeito a ser dominada por suas criações, um estado de espírito que ela busca avidamente. “Há algo de excitante na perda de controle, uma mistura de concentração profunda, abandono e curiosidade.”

Certo descontrole é o estado ideal para expressar um dos temas que mais a inspiram no momento, e tão caro, novamente, à questão da feminilidade. Tornar-se mãe despertou na artista o duplo sentimento de saudade e medo de pertencer aos outros, de estar profundamente conectada a outros seres humanos. Para uma mulher superindependente como Diana, o fato de ela ser necessária à vida de outra pessoa tomou um lugar maior, se tornou uma necessidade que ela qualifica como “limitante e bonita ao mesmo tempo”. Afinal, é tudo sobre ser parte de algo maior que a própria vida, deixando-se levar pelo fluxo da natureza, um mistério que, convenhamos, mulheres sempre souberam administrar muito bem. LIÉGE COPSTEIN



À esquerda, trabalho com lenços de seda da norueguesa Hanne Friis. Acima, obra da sueca Diana Orving feita com tramas naturais.